



IDENTIFICAÇÃO DAS FONTES DE COMUNICAÇÃO

“A questão da identidade dos Espíritos é uma das mais controvertidas (...). É que, com efeito, os Espíritos não nos trazem um ato de notoriedade e sabe-se com que facilidade alguns dentre eles tomam nomes que nunca lhes pertenceram. Esta, por isso mesmo, é, depois da obsessão, uma das maiores dificuldades do Espiritismo prático. Todavia, em muitos casos, a identidade absoluta não passa de questão secundária e sem importância real. (...)” (01)

“(...) Não há outro critério, senão o bom-senso, para se aquilatar do valor dos Espíritos. (...)” (06)

“Distinguir os bons dos maus Espíritos é extremamente fácil. Os Espíritos superiores usam constantemente de linguagem digna, nobre, repassada da mais alta moralidade (...). A dos Espíritos inferiores (...) é inconseqüente, amiúde trivial e até grosseira. (...)”

“Os Espíritos que se revelam, através das organizações mediúnicas, devem ser identificados por suas idéias e pela essência espiritual de suas palavras. (...)” (26)

No ponto de vista objetivo ou exterior, as provas fornecidas pelas aparições e materializações não podem deixar dúvida alguma. Entretanto, na ordem subjetiva, no que concerne aos outros modos de manifestações, subsiste uma dificuldade: a de obter dos Espíritos, em número suficiente para satisfazer aos cépticos exigentes, provas de identidade. (...)” (25)

“(...) Quando se manifesta o Espírito de alguém que conhecemos pessoalmente, de um parente ou de um amigo (...) sucede geralmente que sua linguagem se revela de perfeito acordo com o caráter que tinha aos nossos olhos, quando vivo. Já isso constitui indício de identidade. (...)” (23)

“(...) A identidade dos Espíritos das personagens antigas é a mais difícil de se conseguir, tornando-se muitas vezes impossível, pelo que ficamos adstritos a uma apreciação puramente moral. Julgam-se os Espíritos, como os homens, pela sua linguagem. (...)” (02)

“Muito mais fácil de se comprovar é a identidade, quando se trata de Espíritos contemporâneos, cujos caracteres e hábitos se conhecem. (...)” (03)

“Se a identidade absoluta dos Espíritos é, em muitos casos, uma questão acessória e sem importância, o mesmo já não se dá com a distinção a ser feita entre bons e maus Espíritos. (...)” (04)

“(...) Pode estabelecer-se como regra invariável e sem exceção que — a linguagem dos Espíritos está sempre em relação com o grau de elevação a que já tenham chegado. (...)” (05)

“(...) Apreciam-se os Espíritos pela linguagem de que usam e pelas suas ações. Estas se traduzem pelos sentimentos que eles inspiram e pelos conselhos que dão. (...)” (07)

As provas mais completas de identidade são muitas vezes fornecidas por Espíritos desconhecidos do médium e da assistência e achadas, depois de uma verificação, inteiramente exatas.

No capítulo 24, itens 262 a 268, de O Livro dos Médiuns estão relacionados os meios de se distinguirem os bons dos maus Espíritos. Em resumo, é o seguinte:

* Para aquilatar-se o valor dos Espíritos, o melhor critério é o bom-senso.

* Deve-se julgar os Espíritos pela linguagem que usam e pelas suas ações.

* Os bons Espíritos só dizem e fazem o bem.

* “Os Espíritos superiores usam sempre de uma linguagem digna, nobre, elevada, sem eiva de trivialidade; tudo dizem com simplicidade e modéstia, jamais se vangloriam, nem se jactam de seu saber, ou da posição que ocupam entre os outros. A dos Espíritos inferiores ou vulgares sempre algo refletem das paixões humanas. Toda expressão que denote baixeza, pretensão, arrogância, fanfarronice, acrimônia, é indício característico de inferioridade e de embuste, se o Espírito se apresenta com um nome respeitável e venerado. (...)” (08)

* “Os bons Espíritos só dizem o que sabem (...)”. (09)

* Os Espíritos levianos gostam de predizer o futuro, enquanto os bons Espíritos “(...) fazem que as coisas futuras sejam pressentidas, quando esse pressentimento convenha (...)”. (10)

* Os Espíritos superiores não falam com prolixidade, sendo concisos, claros, inteligíveis. Os Espíritos inferiores usam de linguagem empolada. (11)

* Os bons Espíritos aconselham sem ordenar. Os maus são imperiosos e gostam de ser obedecidos. (12)

* Os bons Espíritos não lisonjeiam, apesar de aprovar com discrição as boas ações dos homens. Os maus prodigalizam elogios, estimulam o orgulho e a vaidade das pessoas. (13)

* Alguns Espíritos não muito evoluídos utilizam nomes singulares e ridículos, além de se apresentarem sob o nome de pessoas venerandas. (14)

* Os maus Espíritos procuram exacerbar o mal, estimulando a cizânia e desconfiança por meio de insinuações perversas. (15)

* “Os bons Espíritos só prescrevem o bem. (...)” (11)

* Nas comunicações mediúnicas, nota-se a ação dos maus Espíritos, ou dos simplesmente imperfeitos pelos movimentos bruscos e intermitentes que provocam nos médiuns, traduzindo-se em “(...) agitação febril e convulsiva, que destoa da calma e da doçura dos bons Espíritos.” (12).

* Os Espíritos utilizam-se do gracejo. Sendo fino e vivo, porém nunca trivial, nos Espíritos superiores. Nos Espíritos zombeteiros ou são grosseiros e mordazes ou despropositados. (13)

* O bom senso é o meio que se deve dispor para estudar o caráter dos Espíritos reconhecendo-lhes “(...) a natureza e o grau de confiança que devem merecer. (...)” (14)

* Para julgar qualquer Espírito é preciso saber julgar a si próprio. (15)

* Nem sempre um Espírito que revele conhecimento intelectual é moralmente elevado.

* Os “(...) Espíritos semi-imperfeitos são mais de temer do que os maus Espíritos, porque, na sua maioria, reúnem á inteligência a astúcia e o orgulho. Pelo pretensão saber de que se jactam, eles se impõem aos simples e aos ignorantes, que lhes aceitam sem exames as teorias absurdas e mentirosas. (...) Esse um ponto que demanda grande estudo da parte dos espíritas esclarecidos e dos médiuns. (...)” (16)

* Nem sempre um Espírito superior atende pessoalmente a uma evocação que lhe é feita, enviando, porém, em seu lugar um mandatário, que é alguém que merece sua confiança e lhe comunga os pensamentos.(17)

Um Espírito que induz alguém ao erro nem sempre pode ser qualificado de mau: pode enganar por boa fé ou por ignorância. Os Espíritos levianos, que não são necessariamente maus, divertem-se em mistificar. (18)

* “Muitos médiuns reconhecem os bons e os maus Espíritos pela impressão agradável ou penosa que experimentam à aproximação deles.” (20)

* Finalmente, “(...) Os Espíritos só enganam os que se deixam enganar. Mas, é preciso ter olhos de mercador de diamantes, para distinguir a pedra verdadeira da falsa. Ora, aquele que não sabe distinguir a pedra fina da falsa se dirige ao lapidário.” (19)

* * *

FONTES DE CONSULTA

- 01 - KARDEC, Allan. Da identidade dos Espíritos. In:_. O Livro dos Médiuns. Trad. de Guillon Ribeiro. 61. ed. Rio [de Janeiro]: FEB, 1995. Item 255, pág. 324.
- 02 - Págs. 324-325.
- 03 - Item 257, pág. 327.
- 04 - Item 262, pág. 330.
- 05 - Item 263, pág. 331.
- 06 - Item 267 (1º), pág. 333.
- 07 - Item 267 (2º), pág. 333.
- 08 - Item 267 (4º), pág. 334.
- 09 - Item 267 (7º), pág. 333.
- 10 - Item 267 (8º), pág. 334.
- 11 - Item 267 (9º), pág. 334.
- 12 - Item 267 (10º), pág. 334.
- 13 - Item 267(11º), pág. 335.
- 14 - Item 267 (13º e 14º), pág. 335.
- 15 - Item 267 (16º), pág. 336.
- 16 - Item 267 (17º), pág. 336.
- 17 - Item 267 (19º), pág. 336.
- 18 - Item 267 (24º), pág. 337.
- 19 - Item 267 (25º), pág. 337.
- 20 - Item 267 (26º), pág. 337.
- 21 - Item 268 (2ª), pág. 338.
- 22 - Item 268 (7ª), pág. 340.
- 23 - Item 268 (12ª e 13ª), págs. 341 -342.

- 24 - Item 268 (25ª), págs. 344 - 345.
- 25 - Item 268 (28ª), pág. 345.
- 26 - Introdução ao estudo da Doutrina Espírita. In: O Livro dos Espíritos. Trad. de Guillon Ribeiro. 75. ed. Rio [de Janeiro]: FEB, 1994. Item VI, pág. 26.
- 27 - Item XII, pág. 36.
- 28 - BODIER, Paul. In:_. Como Desenvolver a Mediunidade. Trad. de Francisco Klors Werneck. 3. ed. Eco. Item 8º, pág. 27.
- 29 - DENIS, Léon. Identidade dos Espíritos. In:_. No Invisível Trad. de Leopoldo Cirne. 10. ed. Rio [de Janeiro]: FEB, 1983. Pág. 314.
- 30 - XAVIER, Francisco Cândido. In:_. O Consolador. Pelo Espírito Emmanuel. 17. ed. Rio [de Janeiro]: FEB, 1995. Questão 379, pág. 211.